



INSTITUTO DE LETRAS
DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA, PORTUGUÊS E LÍNGUAS CLÁSSICAS
BACHARELADO EM LETRAS/ PORTUGUÊS
MONOGRAFIA EM LITERATURA

LUANA SILVA MARQUES

10/0051146

FRANCISCO ALVIM

“REALIDADE QUE TENDE A UMA TOTALIDADE”

BRASÍLIA

2014

LUANA SILVA MARQUES

FRANCISCO ALVIM:
“REALIDADE QUE TENDE A UMA TOTALIDADE”

Trabalho de conclusão do curso de letras
Português, orientado pelo professor Alexandre
Pilati.

BRASÍLIA

2014

Dedico este trabalho de conclusão de curso à minha tia, Maria da Conceição, como ato simbólico para agradecer tudo que fez e tens feito por mim. Sou imensamente grata pela paciência nesses dezessete anos de convivência. Obrigada pelo cuidado e dedicação. Seu apoio foi fundamental para que eu chegasse até esta etapa de minha vida.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, antes de tudo, a Deus que me capacita e que até aqui tem me ajudado. Tudo foi dirigido por suas mãos, desde a minha aprovação no vestibular até esse dado momento.

À minha tia Conceição que me deu a oportunidade de estudar e me recebeu em seu lar quando eu tinha apenas seis anos de idade.

À minha mãe, Raimunda, que mesmo me amando escolheu me ver crescer a distância. Seu único desejo: ver sua filha “ser alguém na vida”.

Aos meus familiares Simone, Danielle, Marco Aurélio, Otávio, Tia Morena, Tia Lurdes e Francisca (*chicota*). Vocês me acompanharam, diariamente, nesses quase cinco anos de vida acadêmica.

Ao meu namorado (*quiçá* futuro marido), Lucas Fukuta, pela compreensão, amor, carinho, conselhos, sobretudo, pela paciência porque eu não sou nada fácil. Você, sem dúvida, me faz feliz, e apesar de todas as peripécias que a vida nos apresenta estamos juntos. OBRIGADA.

As minhas amigas, Mariana Rosa e Dayane Moraes, pela companhia durante o almoço, intervalos de uma aula e outra, e nas festinhas dentro e fora da universidade. Amigas vocês são especiais na minha vida.

Ao meu orientador, Alexandre Pilati, o grande responsável pela materialização deste trabalho. Sua sabedoria e receptividade quando o procurei para que me orientasse foi essencial.

A todos vocês: O Meu Muito Obrigada!

RESUMO

Esta monografia apresenta um breve estudo sobre o poeta contemporâneo Francisco Alvim. Apesar de ser integrante da chamada poesia marginal nos anos 70, veremos inicialmente que a obra desse poeta mineiro vai além da produção daquela época. Considerando a fala como ato individual vinculado ao humor, ironia e crítica foram analisadas algumas de suas poesias e avaliações da crítica literária acerca de suas obras. Por fim, é discutido o conceito de forma e técnica com base no artigo *O país do Elefante*, de Roberto Schwarz, bem como a concepção ligada à poesia e execução formal dela. Fez-se necessário observar também que elementos formam essa concepção no caso da poesia de Francisco Alvim.

Palavras chave: Francisco Alvim, Fala, Humor, Ironia, Poesia, Forma, Técnica.

ABSTRACT

This monograph presents a brief study of the contemporary poet Francisco Alvim. Even though being an integral marginal call poetry in the 70s, we see that initially the work of this poet *mineiro* goes beyond the production of that epoch. Considering speech as an individual act linked to humor, irony and comment were analyzed some of his poetry and reviews of literary criticism about his works. Finally, we discussed the concept of form and technique in the article "O país do elefante" by Roberto Schwarz, and the design turned to poetry and formal execution of it. It was necessary also observe that elements form this conception in the case of poetry Francisco Alvim.

Keywords: Francisco Alvim, Speech, Humor, Irony, Poetry, Form, Technique.

SUMÁRIO

Introdução	P. 8
Poeta e Tradição.....	P. 9
Individuação do Poeta	P. 11
Linguagem e o Real	P. 15
Revisão Crítica- Breve Balanço.....	P. 21
Forma x Técnica: Uma Análise Mais Detida.....	P. 26
Considerações Finais.....	P. 36
Referências Bibliográficas.....	P. 38

INTRODUÇÃO

O presente trabalho nasceu das notas de aula da disciplina Literatura Brasileira Contemporânea, ministrada pelo escritor, crítico literário e Professor, Alexandre Pilati, e tem o objetivo de apresentar algumas questões relevantes da poética de Francisco Alvim.

Dentre os autores como Waldo Motta, Claudia Roquette Pinto, Paulo Leminski, o estudo da obra de Francisco Alvim se apresenta como uma obra mais consistente com um cunho de meditação e elaboração que o crítico Alexandre Pilati julga ser bastante apropriado e diferente ao pensar o contexto da poesia que tem sido publicada nos últimos anos.

Francisco Alvim viveu os momentos mais sombrios da ditadura Brasileira no nível mais alto de repressão e censura. Encontrou na poesia uma forma, ao mesmo tempo lírica e crítica, de olhar a realidade.

A relação da poesia de Francisco Alvim com a realidade parece ser diferente de outros poetas brasileiros. Para a Então poesia brasileira contemporânea, realidade é aquilo que eu vejo nas ruas das grandes cidades. Porém, para Chico Alvim a realidade permanece em tonalidade de questão, o real não é imediato.

Pra alguns críticos, a obra deste autor trata-se apenas de uma poesia puramente modernista. A forma como Francisco Alvim apresenta sua poesia deve se vista como um retrato de uma transição entre dois tempos, mais precisamente um diálogo entre o modernismo e o pós-modernismo.

Para tanto, é necessário ressaltar que o estudo da poesia contemporânea leva a volta de algumas tradições. Porém, para Francisco Alvim isso não é necessário, uma vez que a tradição está dentro de sua obra.

POETA E TRADIÇÃO

A poesia de Francisco Alvim foi revelada no começo dos anos 70. Conhecidos como poetas “marginais” e “geração mimeógrafo”, esses autores fizeram, nas palavras de Vinícius Carneiro¹, parte da chamada “literatura marginal”, “literatura do desbunde”, “literatura verdade” ou “literatura do eu”. O meio de produção se dava de forma alternativa, bem como a distribuição dos poemas.

Segundo Souza (2012, p.8), a nomenclatura do termo “marginal” para Heloisa Buarque de Hollanda, não era somente designado para a poesia produzida fora do mercado de editoração. Esse termo se estende a todos aqueles que traziam em seus poemas os problemas cotidianos, que por sua vez, é o elemento nítido quando se analisa a obra de Francisco Alvim.

Em algumas entrevistas Francisco Alvim se intitula como “sujeito do passado”, ou seja, esse poeta publica hoje, mas carrega uma série de questões do passado que são reativadas na literatura contemporânea.

Vale lembrar que diferentemente de muitos poetas da poesia marginal, Francisco Alvim permaneceu escrevendo por muito tempo. Muitos de seus companheiros deixaram de escrever poesia como o crítico Roberto Schwarz e Antônio Carlos de Brito, Cacaso, que, assim como Ana Cristina César, morreu ainda muito jovem. Antônio Carlos de Brito, o Cacaso, parou de publicar ainda na década de 80. Sua obra, portanto, tem um alcance relativamente limitado, ou seja, em termos temporais seu horizonte é restrito.

É nesse momento de transição que esse conjunto de poetas da poesia marginal estão inseridos carregando muita coisa da tradição modernista da poesia brasileira. Mas, por inúmeros fatores não houve uma continuidade nesses trabalhos que tiveram início na poesia nos anos 70. Apesar disso, nas obras de Nicolas Behr e de Chacal é possível identificar uma continuidade a essa seqüência.

¹ CARNEIRO, Vinícius Gonçalves. A marginalização da literatura brasileira dos anos 70 e 80: Um olhar sobre a produção e a crítica através das cartas de Paulo Lemimnski e Caio Fernando Abreu. 2012. p. 860. Disponível em: < http://www.pucrs.br/.../84111-VINICIUS_GONCALVES_CARNEIRO.pdf > Acesso em 6 de dezembro de 2013.

Pode-se afirmar que a obra de Francisco Alvim guarda muito da tradição da poesia marginal que, por sua vez, é uma releitura de alguns aspectos da poesia modernista brasileira em um plano mais contemporâneo. Este poeta carrega para os dias de hoje, uma atualidade que tem haver com a sua permanência no tempo pregresso. Dessa forma, Alvim não lida com a tradição como uma coisa morta, pois, ele em si é a própria tradição. Isso o faz um poeta tradicional.

Organiza-se esse trabalho em quatro itens. O primeiro item aborda dentro da poética de Francisco Alvim a lírica como o registro da experiência individual. Este trabalho apresenta também, no segundo item, um paralelo entre o poema *Elefante* de Carlos Drummond de Andrade e o poema *Elefante* de Francisco Alvim. Ainda neste item verifica-se a fusão interna que existe entre sujeito e objeto através da análise do poema *Escolho*. No terceiro item, o capítulo destina-se à crítica acadêmica já feita/escrita/publicada do autor. O último item faz um estudo do texto *O país de Elefante*, de Roberto Schwarz a partir dos conceitos de forma e técnica. Aqui a subjetividade do poeta encontra-se deslocada, com um olhar voltado para o outro. Será verificado também como complemento dessa forma a ideia de situações-limite apresentada por Alexandre Pilati no texto *Riso e Violência*.

INDIVIDUAÇÃO DO POEMA

Muitos estudiosos e críticos concordam quando se fala que a obra de Francisco Alvim trata de uma poesia com desejo de imitação, ou seja, uma *poiese* com desejo de *mimese*. Essa poesia com desejo de narrativa, segundo o próprio poeta,² é uma herança da narrativa do século XIX.

O que chama atenção na poesia de Alvim é esse desejo de narratividade alcançado em uma poesia mínima. Poemas esses que, às vezes, constam apenas dois versos. Tudo isso se torna possível quando se trata de uma poesia voltada para o exterior, isto é, a tradição na lírica³.

Segundo Adorno (1957), a lírica deve ser vista como uma espécie de filtro individual onde as experiências são interpretadas e expressas. E isso não implica necessariamente no autor. A lírica seria, portanto, um gênero em que as questões básicas a respeito do mundo ou da experiência sensorial dos seres humanos são comunicados através de um filtro fundamental que é o filtro da individualidade. Esse filtro da individualidade tem haver com as tensões mais básicas do sujeito e das representações dessas tensões na linguagem. Nesse sentido, uma poesia que pretende romper um pouco isto seria aquela voltada para esse aspecto narrativo, sem jamais esquecer essa particularidade que é o filtro individual por onde as coisas passam.

Essa poesia com desejo de *mimese* permite afirmar que existe algo externo aos movimentos da consciência da própria linguagem desse indivíduo. Isso acarreta em uma força estética dentro do texto. O valor estético da poesia deve ser observado a partir da relação que ela propõe entre o que está fora, o individual, e o que o individual produz em termos de trabalho poético. Nesse sentido é que se configura a poesia de Francisco Alvim.

A poesia com desejo de *mimese* é, portanto, aquela que, na sua forma poética, pede uma análise dessa formalização. Uma análise na dialética entre o interno da consciência lírica, individualizada e o externo do mundo que precisa comparecer no poema.

² ALVIM. Francisco. Entrelinhas - Francisco Alvim. Entrevista cedida ao programa Radar Cultura, 2010. Disponível em < <http://www.youtube.com/watch?v=TUNAYBLcGhM> > Acesso em 8 de dezembro de 2013.

³ Segundo Alexandre Pilati (2013), o termo lírico deve ser entendido como a expressão do individual, do único e tem haver com uma individuação da poesia.

Levando em consideração que para alguns a poesia de Francisco Alvim apresenta-se como um teatro no qual é possível identificar várias pessoas falando, fica compreensível entender como a individualidade do poema e o que está externo a ele é colocado pelo poeta de forma teatral, quer dizer, trata-se de uma poesia dramática, teatral.

O caráter fragmentário, elíptico e minimalista da poesia de Alvim parece indicar a necessidade da leitura de cada obra como um todo textual, um fluxo de discurso (narrativo? teatral?) alimentado pela convergência de variadas vozes divergentes. Neste sentido, não raro os títulos dos poemas figuram como versos travestidos de títulos através das maiúsculas e do negrito, estratégia que favorece o livre trânsito e a contaminação entre os textos, bem como torna patente a inteireza escritural do livro. E tal inteireza, forjada pela travessia entre os fragmentos cumulados, acaba por desvelar uma cena dramática subliminar, fantasmática, que se abre para dar lugar às palavras dos outros. (FIORESE, 2012, p.148)

Francisco Alvim é conhecido também como “o poeta dos outros” aquele que abre sua poesia para a fala de outros e quem está falando dentro do texto, não é especificamente apenas o poeta. “Esse poeta cede sua vez para dar voz ao que se faz silêncio numa sociedade tão duramente atravessada pela desigualdade.” ⁴

CARNAVAL

Sol
Esta água é um deserto
O mundo uma fantasia
O mar, de olhos abertos
Engolindo-se azul
Qual o real da poesia?
(ALVIM, 2004, p. 9)

Esse é o primeiro poema do livro *Elefante* de Alvim, que logo de início questiona o real da poesia. A resposta oscila, de um lado, entre o tipo de poesia do Francisco Alvim que se atenta para a uma configuração cósmica do problema, quer dizer, o sujeito interrogando as coisas do mundo e da natureza ou do cósmico. E, por outro lado, tem-se na poesia de Francisco Alvim o real como sendo aquilo que se escuta nas ruas.

BRIGA

Nunca fui com a tua cara
nunca escondi

⁴ CAMENIETZKI, Eleonora Ziller. Ao rés da fala: alguns comentários sobre a poesia de Chico Alvim e Ferreira Gullar. Disponível em <http://www.ciencialit.letras.ufrj.br/terceiramargemonline/numero12/ii.html>> Acesso em 2 de dezembro de 2013.

eu sou franco
 me dê tua mão
 quando nos conhecemos
 te cumprimentei assim
 a mão mole
 homem cumprimenta duro
 era um insulto
 você devia ter percebido
 sou filho família
 não quer dizer que seja rico
 pra não passar fome
 já domei burro
 passei dois anos sem rir
 chorando escondido
 eu que sou alegre
 se teu pai está com câncer
 o meu está com enfisema
 e se você quer saber
 papai vai morrer
 (ALVIM, 2004, p. 120).

O real está representado no poema acima como o cotidiano, porém há várias formas de compreender o real. Existe aquele que é o movimento dos astros, dos planetas, do destino humano, do lugar do indivíduo no meio desse desconcerto. Existe também o real mais miúdo que é o que se ouve, ou o que se pensa em alguma coisa enquanto se passeia no meio da rua. “Em algumas obras, Luís Vaz de Camões usa o tema desconcerto do mundo. Sua preocupação é mostrar as aflições por que passa o ser humano, e os anseios que alimentam, no afã de solucionar seus conflitos mais íntimos”⁵

Outro exemplo está no poema abaixo que pode ser interpretado como flashes da vida cotidiana. É como se o poeta estivesse andando na cidade e captando esses fleches.

BALCÃO
 Quem come em pé
 enche rápido
 (ALVIM, 2004, p.13)

De acordo com Alexandre Pilati ⁶, muito da crítica ao Francisco Alvim tem haver com uma espécie de visão mecânica do que é a representação da realidade na literatura. Dizer que o

⁵ BARBOSA, Josefa Rufino. Camões e o Desconcerto do Mundo. Guarabira-PB, 2012. p. 8. Disponível em < <http://dspace.bc.uepb.edu.br:8080/.../PDF%20-%20Josefa%20Rufino%20Barbosa...> > Acesso em 8 de dezembro de 2013.

⁶ PILATI, Alexandre. Literatura Contemporânea - Aula “Chico Alvim – Elefante (2000) - Seminário 8” em 29 de novembro de 2013.

poeta está mimetizando o mundo é como se ele estivesse fazendo uma narrativa desse mundo e colocando as coisas como elas são. Para o senso comum, isso é um valor literário. Pilati acrescenta ainda que a relação básica que se estabelece com o real é da imediatos onde muitos acreditam que a literatura realista é aquela que representa sem mediação da realidade.

LINGUAGEM E O REAL

Integrante da vigorosa vertente da poesia brasileira que tem em Drummond sua principal referência, Francisco Alvim se caracteriza pela expressão fundada na experiência do cotidiano e pela pesquisa densa sobre a fala que, de acordo com Eleonora Camenietzki⁷, tem sua origem nos modernistas das primeiras décadas do século XX. Segundo ela, o adensamento das experiências do poeta renova na cena contemporânea o debate acerca do comprometimento entre poesia e processo social. Ressalta também que a trajetória de Francisco Alvim evidencia uma poética sobre a aspereza da fala que se constrói na desigualdade da vida de cada um.

No livro *Elefante*, Francisco Alvim tem uma série de textos que falam da realidade da linguagem, mais precisamente, de seus problemas e do sentimento básico que o eu lírico tem com esses problemas de linguagem. Desse modo, a relação, que se estabelece entre esses polos, é inquieta, incômoda, decepcionante e muitas vezes de insatisfação.

A expressão do homem em uma linguagem criativa é um problema para a poesia de Alvim e deve ser encarado como o real. Uma dessas dimensões que o poema está atento nessa dimensão do real é a própria linguagem.

Isso fica evidente ao traçar um paralelo entre os poemas *Elefante* de Francisco Alvim com o *Elefante* de Carlos Drummond de Andrade.

O ELEFANTE

Fabrico um elefante
de meus poucos recursos.
Um tanto de madeira
tirado a velhos móveis
talvez lhe dê apoio.
E o encho de algodão,
de paina, de doçura.
A cola vai fixar
suas orelhas pensas.
A tromba se enovela,
é a parte mais feliz

⁷ CAMENIETZKI, Eleonora Ziller. Ao rés da fala: alguns comentários sobre a poesia de Chico Alvim e Ferreira Gullar. Disponível em <http://www.ciencialit.letras.ufrj.br/terceiramargemonline/numero12/ii.html>> Acesso em 2 de dezembro de 2013.

de sua arquitetura.
 Mas há também as presas,
 dessa matéria pura
 que não sei figurar.
 Tão alva essa riqueza
 a espojar-se nos circos
 sem perda ou corrupção.
 E há por fim os olhos,
 onde se deposita
 a parte do elefante
 mais fluida e permanente,
 alheia a toda fraude.

Eis o meu pobre elefante
 pronto para sair
 à procura de amigos
 num mundo enfastiado
 que já não crê nos bichos
 e duvida das coisas.
 Ei-lo, massa imponente
 e frágil, que se abana
 e move lentamente
 a pele costurada
 onde há flores de pano
 e nuvens, alusões
 a um mundo mais poético
 onde o amor reagrupa
 as formas naturais.

Vai o meu elefante
 pela rua povoada,
 mas não o querem ver
 nem mesmo para rir
 da cauda que ameaça
 deixá-lo ir sozinho.
 É todo graça, embora
 as pernas não ajudem
 e seu ventre balofo
 se arrisque a desabar
 ao mais leve empurrão.
 Mostra com elegância
 sua mínima vida,
 e não há cidade
 alma que se disponha
 a recolher em si
 desse corpo sensível
 a fugitiva imagem,
 o passo desastrado
 mas faminto e tocante.

Mas faminto de seres
 e situações patéticas,
 de encontros ao luar
 no mais profundo oceano,

sob a raiz das árvores
 ou no seio das conchas,
 de luzes que não cegam
 e brilham através
 dos troncos mais espessos,
 esse passo que vai
 sem esmagar as plantas
 no campo de batalha,
 à procura de sítios,
 segredos, episódios
 não contados em livro,
 de que apenas o vento,
 as folhas, a formiga
 reconhecem o talhe,
 mas que os homens ignoram,
 pois só ousam mostrar-se
 sob a paz das cortinas
 à pálpebra cerrada.

E já tarde da noite
 volta meu elefante,
 mas volta fatigado,
 as patas vacilantes
 se desmancham no pó.
 Ele não encontrou
 o de que carecia,
 o de que carecemos,
 eu e meu elefante,
 em que amo disfarçar-me.
 Exausto de pesquisa,
 caiu-lhe o vasto engenho
 como simples papel.
 A cola se dissolve
 e todo o seu conteúdo
 de perdão, de carícia,
 de pluma, de algodão,
 jorra sobre o tapete,
 qual mito desmontado.
 Amanhã recomeço. (DRUMMOND, 1983, p. 164).

O Elefante de brinquedo de Drummond é construído e solto na rua. Ao entrar em contato com o mundo real ele se desfaz. O verso final do poema termina dizendo “amanhã recomeço”. Existe uma utopia neste poema, pois o elefante é o próprio poema. Ele se desfaz em contato com o mundo, mas amanhã será refeito.

A poesia da fala se caracteriza como uma poesia sem mediação, sem trabalho poético. Por um lado, tem-se uma poesia que foge do real e que trabalha só instrumentos da própria poesia; por outro lado, tem-se outra poesia que é só o real e não é um trabalho poético. Nessa concepção

de realidade, a crítica brasileira acredita que é essa realidade imediata é a rua. A poesia de Francisco Alvim faz conexão entre essas duas coisas: entre o que é real e o que não é real. De acordo com o crítico Alexandre Pilati ⁸, a capacidade de fazer essa conexão não se encontra em muitos poetas. Para ele, a tensão as ruas é uma parte do problema da poesia e se conecta com o problema da própria linguagem poética.

Não se pode negar o trabalho de construção dos poemas mínimos de Francisco Alvim. Por trás deles existe uma organização das palavras dentro do livro. A visão da poesia de Alvim ligada ao real, e o real ser considerado apenas as falas das pessoas é consequência disso.

A conexão tem que ser entre dois mundos: o mundo da fala e o da poesia. A linguagem é quem guarda o sentimento do homem com relação ao mundo. A questão básica da poesia de Alvim é uma questão de lírica e sociedade como admite Adorno (1957). A lírica é uma absorção da sociedade no seu princípio de individuação mais intenso. A intensificação do indivíduo, até mesmo na linguagem, torna a lírica um depoimento social, ou melhor, um depoimento sobre o real, sobre o que é externo na própria linguagem. Existe, assim, uma fusão intensa entre o sujeito e o objeto. Para Adorno, a questão da objetividade na literatura é sempre o olhar dirigido ao externo que só se consegue por meio da mediação do mais individual incluindo a linguagem. Pode-se concluir então que o olhar para esse objetivo só se consegue a partir do que é mais subjetivo.

Escolho

Parado

Na plataforma superior

Entre as pernas
no chão
as compras no plástico

Longe do verso perto da prosa
Sem ânimo algum
para as sortidas sempre -
enquanto duram -
venturosas da paixão

Longe tão longe

⁸ PILATI, Alexandre. Literatura Contemporânea - Aula “Chico Alvim – Elefante (2000) - Seminário 8” em 29 de novembro de 2013.

do humor da ironia
das polimorfos vozes
sibilinas
transtornadas no ouvido
da língua

Ali onde o chão é chão
as pernas, pernas
a coisa, coisa
e a palavra, nenhuma
Onde apenas se refrata
a ideia
de um pensamento exaurido
de movimento

Entre dois trajetos
dois portos
(duas lagoas
duas doenças)

Sublimes virtudes do acaso
por que não me tomais
por dentro
e me protegeis do frio de fora
da incessante, intolerável, fuga do enredo?
da escolha?
(ALVIM, 2004, p.79)

O Poema *Escolho* demonstra essa relação entre sujeito e objeto ao estabelecer uma dicotomia entre o verbo “escolher” e o substantivo “escolho”. Escolher é o sujeito. Escolho é o objeto. Existe um desejo do poeta de se tornar objeto. Isso é uma declaração intrínseca do poeta, ou seja, é evidente a dificuldade do eu lírico em se despir de suas escolhas para se tornar um objeto capaz de ser poetizado tanto quanto uma pedra externa a ele.

O Jogo básico de fundo narrativo na poesia de Francisco Alvim está na recuperação da fala, uma vez que entre as tradições de poesia Alvim escolheu a tradição que atenta para a fala do cotidiano. Essa tradição da fala na poesia é oriunda da era medieval e esta vinculada ao humor, irônico, crítico. Existe uma recuperação da fala seja através do cotidiano, ou da tradição, que se dá através de trabalho poético de escolha, de organização, ordenação e, por trás disso, existe uma inteligência crítica que ordena esse fato literário.

Dessa forma é possível traçar um paralelo com Machado de Assis. Esse escritor revela essa inteligência ao buscar, em diversas tradições do humorismo, uma tendência em criticar a sociedade, o mundo, a realidade, ou até mesmo a própria literatura a partir do humor.

Essa ideia de representação da fala é uma forma de concessão à poesia como forma de pensamento da sociedade. Trata-se de um distanciamento estratégico para tomar a forma literária como forma de pensamento a respeito da sociedade. Diante disso, a literatura deixa de para ser objeto e passa a ser sujeito do pensamento.

REVISÃO CRÍTICA-BREVE BALANÇO

A recepção crítica da obra de Francisco Alvim se inicia antes mesmo da publicação de seus primeiros livros: incluído por Heloisa Buarque de Hollanda na antologia *26 poetas hoje*, 1976 (reeditada em 1998 pela editora Aeroplano, do Rio de Janeiro), o poeta mineiro passa a ser lido desde então no contexto da chamada “poesia marginal” ou “poesia mimeógrafo”, ao lado de nomes como Cacaso, Torquato Neto, Charle, Eudoro Augusto, Chacal.

Sua fortuna crítica está concentrada predominantemente em análise de críticos literários por ocasião das publicações de seus livros, bem como em entrevistas, depoimentos, publicações acadêmicas, teses e dissertações.

Estreou na literatura em 1968, mais precisamente, no cenário da poesia contemporânea brasileira. O poeta mineiro já ganhou o Prêmio Jabuti - prêmio literário mais importante do Brasil- por duas coletâneas: *Passatempo e outros poemas* e *Poesia reunida* (1968-1988).

Em entrevista ao jornalista e editor Rogério Pereira⁹, Alvim relata que com a Literatura é possível refletir sobre o que a vida lhe proporciona, e essa reflexão é essencial para aquilo que ele transforma em poesia. Acrescenta ainda, que essa espécie de anteparo é o que permite alcançar patamares de vivência que vão além da própria individualidade.

A leitura dos grandes romances do século XIX, como *Guerra e Paz*, marca o começo de sua formação literária. Segundo ele, a poesia entrou em sua vida por herança familiar. A ambição em escrever poesia surgiu na adolescência por influência de suas duas irmãs também poetas, especialmente, por influência de sua irmã, Maria Ângela, já falecida.

Ao analisar a crítica jornalística, observa-se o nítido interesse, quase unânime, sobre os aspectos da obra poética de Alvim, sobretudo, no que diz respeito à articulação entre as

⁹ PERREIRA, Rogério. Francisco Alvim no Paiol Literário. Jornal Rascunho. Folha de S.Paulo, 3 de setembro de 2012. Disponível em: <http://autoreselivros.wordpress.com/2012/11/03/francisco-alvim-no-paiol-literario/>.> Acesso em 27 de abril de 2014.

dimensões “lírica” e objetiva/dramática da poesia. “Depois de trinta e cinco anos, a crítica mantém toda sua vis interpretativa na apreensão da obra poética de Alvim, [...]”.¹⁰

Paralelamente, ressalta-se o aspecto estilístico, cujo traço principal é o singular trabalho de Alvim com a linguagem do cotidiano. Segundo alguns críticos, seus poemas mostram uma coloquialidade ímpar entre os poetas contemporâneos, sem perder a tensão lírica. Constatase, ainda, as linhas de força que confluem na obra do escritor. Para Pinto (2004, p.32), destaca-se em primeiro lugar, o trabalho com os referentes da vida cotidiana que é, na verdade, uma herança dos modernistas, em especial Oswald de Andrade; em segundo, a perplexidade existencial e o lirismo atento à fragilidade humana aprendidos com Drummond; e em terceiro lugar a escrita desinflada e os procedimentos irônicos cultivados pela “geração marginal”.

O traço mais característico da escrita de Alvim, conforme Pinto (2004, p.32), está em trazer para a estrutura dos poemas e para a divisão interna de sua obra a alternância entre a escuta interior e o desconcerto de um mundo pós-utópico. Segundo o autor, isso acontece primeiramente com o livro *Passatempo* e depois com o livro *Elefante*, onde Alvim reúne poemas de feição contemplativa lado a lado com falas de rua (vozes recortadas do cotidiano). Para ele, é como se o poeta tivesse saído a campo com um microfone, registrando instantâneos de linguagem. Também aponta que esse procedimento, para alguns críticos, é uma atualização do poema-piada modernista sendo comparado ao *ready made*, um objeto comum do dia-a-dia que é exposto como obra de arte. Alvim faz isso com a linguagem verbal, dando novo sentido a falas extraídas do cotidiano. Pinto afirma que:

Em seus momentos mais extremos, essa técnica gera poemas compostos apenas do título e de um verso, ambos se refratando com ironia e ruído. Dois exemplos tirados de *Elefante* (2000; as palavras em itálico correspondem ao título do poema): “Quer ver?/*Escuta*” e “Mas/ *é limpinha*”. Em ambos, temos frases recorrentes no cotidiano, mas que, cindidas, destacam a riqueza de um coloquialismo em que se cruzam o ver e o escutar; elas também descontraem estereótipos sociais que se reproduzem como clichês lingüísticos (a voz concessiva de quem apenas tolera o subordinado na escala social e na ordem do trabalho). (PINTO, 2004, p.33).

¹⁰VECCHI, Roberto. ROJO, Sara. Transliterando o real: diálogos sobre as representações culturais entpesquisadores de Belo horizonte e Bologna, Faculdade de Letras, POSLIT, 2004. p.55. Disponível em <<http://www.letras.ufmg.br/site/E-livros/Transliterando%20o%20Resl%20-%20Dial%F3gos%20sobre%20as%20repres.%20culturais%20entre%20pesquisadores%20%20de%20BH%20e%20Bologna.pdf>> Acesso em: 27 de abril de 2014.

As boas avaliações sobre o trabalho de Francisco Alvim estão presentes desde o seu primeiro livro *Sol dos Cegos* (1968). De acordo com Massi (2011), os livros *Passatempo* (1974) e *Elefante* (2000) representam pontos de virada na carreira do escritor. Na visão de Franchetti (2000), o livro *Elefante* representa um momento de afirmação dos vetores de força principais da obra do poeta.

Outro aspecto destacado é a presença da atmosfera pesada dos “anos de chumbo”, sobretudo nos seus primeiros livros. Para Imbroisi (2012, p.81), esse desejo de salientar problemas da sociedade brasileira é uma característica da obra de Alvim no sentido de acumular testemunhos, ou seja, o registro desses testemunhos passa a compor a história.

Em relação a publicações dos livros, observa-se que depois de *Lago, Montanha* (1981) existe espaços silenciosos de sete, onze ou doze anos entre as outras obras.

Assim explica Francisco Alvim,

Nunca me impus prazos para publicar. O tempo de cada publicação foi-se formando naturalmente de acordo com a circunstância, oportunidades e, sobretudo, com a chegada do momento em que o livro apareceu feito e acabado. Mas posso dizer que meu processo para chegar ao livro é lento. Escrevo pouco e de modo bastante irregular, sem disciplina alguma. Preciso de tempo para perceber consistência no que escrevo. Gosto de publicar em revistas e suplementos nos intervalos. É uma prática que me permite identificar os núcleos de poesia que vão sendo conquistados e ajudam a ver para onde vai caminhando o livro. (VICTOR, 2011,p.1).

Dessa forma, Francisco Alvim desenvolve uma poética que se desdobra livro a livro “os livros não brigam entre si, do primeiro ao último, eu diria que eles se atravessam”¹¹.

De acordo com Mello (2001), a poética de Francisco Alvim se divide em três momentos importantes. O primeiro momento é marcado pelo diálogo com a poesia modernista brasileira, principalmente com a de Carlos Drummond de Andrade e a de João Cabral de Melo Neto. Esta fase é representada pelo livro de estreia *Sol dos Cegos* (1968). É um momento de impasse e de questionamento quanto à validade de uma poesia baseada no eu lírico tradicional. Ela sintetiza o

¹¹ALVIM, Francisco. In: MELLO, Heitor Ferraz. O rito das Calçadas (Aspectos da poesia de Francisco Alvim). 2001, p. 8. Disponível em:< www.overmundo.com.br/...banco/rito-das-calçadas-a-poesia-de-francisc...> Acesso em 11 de abril de 2014.

desejo do poeta de fazer uma poesia voltada para a vida social brasileira. É uma maneira objetiva de dar conta da realidade.

Os livros *Passatempo* (1974), *Dia sim, dia não* (1978, escrito em parceria com o poeta Eudoro Augusto), *Festa e Lago, montanha* (1981) marcam o segundo momento onde o poeta coloca em prática a poesia com poemas recortados de falas comuns. Mello (2001), admite que nessa fase a poesia dialoga com a chamada "poesia marginal" dos anos 70. Desse modo, a "palavra" está em circulação na vida cotidiana.

O terceiro momento, descrito por Mello (2001), é representado pelos livros *O corpo fora* (1988) e *Elefante* (2000). Alvim percebe com maior consciência que essa poética formulada na vida social traz cristalizada uma ideologia que se fixa no final da escravidão e encontra-se com a modernização conservadora empreendida no Brasil durante o governo militar.

É interessante reinterar o tempo entre a primeira e última publicação. Quarenta anos separam o livro de estreia, *Sol dos Cegos* (1968), até o último lançamento *O Metro Nenhum* (2011). “A poesia de Chico Alvim das três obras finais é um tanto distinta da que encontramos nos primeiros volumes, [...]”.¹²

Segundo Massi (2011), *O Metro Nenhum* apresenta um grau de maturidade, não no sentido de idade, mas na busca de uma forma complexa, irrequieta e áspera. Pilati (2011), afirma que os poemas deste livro carregam a inquietação do próprio poeta. Inquietação essa que se reflete desde as negociações com a editora. Segundo Pilati, Alvim gastou pouco mais de um ano, após o convite da editora para publicar a obra.

Ler o conjunto destes livros ajuda-nos a compreender uma leitura que estabelece um forte vínculo entre a vida do poeta e sua obra. Sem dúvida, Francisco Alvim durante todos esses anos alcançou o reconhecimento de crítica e de público. Na visão de Imbroisi (2012, p.80), os poemas de Chico Alvim, se lidos individualmente, oferecem dificuldades para a compreensão. Adverte ainda que a busca do sentido na leitura de sua obra funciona como composição de um mosaico,

¹² IMBROISI, Waldyr. A dispersão da lírica em Chico Alvim: máscaras, narrativa e memória. Cadernos do IL, Porto Alegre, n.º 45, dezembro de 2012, p.8. Disponível em <
http://seer.ufrgs.br/cadernosdoil/article/viewFile/35780/pdf_1> Acesso em 17 de abril de 2014.

em que cada pequeno verso lido conjuga-se a outros na evocação de um ambiente provinciano, conservador, por vezes doméstico.

FORMA x TÉCNICA: UMA ANÁLISE MAIS DETIDA

Para análise da poesia de Francisco Alvim é importante sublinhar a diferença entre forma e técnica. A técnica é um aspecto da forma e, portanto, limitada. A forma, então, deve ser vista como conteúdo condensado.

Nessa perspectiva Roberto Schwarz no texto *O país do Elefante*¹³, descreve essa poesia a partir da ideia de apropriação. Segundo o autor, um elemento desta forma é um gesto de apropriação. Esse gesto de apropriação se relaciona a um dito de Antônio de Carlos Brito (Cacaso) a respeito da poesia de Alvim. “De fato, tornou-se comum entre os críticos a referência ao ensaio incompleto de Cacaso para definir a poesia de Chico Alvim: sua atitude básica seria ceder a vez, ceder a voz,[...]”¹⁴

Embora algumas pessoas insistam em ler essa poesia como a poesia que “cede voz aos outros”, Schwarz dentro da ideia de apropriação, está pensando em um gesto poético diferente do gesto de ceder. Assim, além de tentar captar o movimento da história da sociedade em dinâmica (e não como retrato), tenta-se preservar, nessa apropriação, o fato dinâmico da própria coisa. Para isso colabora, e muito, o que Schwarz deixa claro, desde o início do texto, o conceito de “outro” ou de “alteridade”.

No intuito de facilitar a compreensão vale recuperar o poema *Mineração do outro* de Carlos Drummond de Andrade.

MINERAÇÃO DO OUTRO

Os cabelos ocultam a verdade.
Como saber, como gerir um corpo
alheio?
Os dias consumidos em sua lavra
significam o mesmo que estar morto.

Não o decifras, não, ao peito oferto

¹³ SCHWARZ, Roberto. O país do Elefante. Folha de São Paulo. 10 de março de 2002. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs1003200204.htm>> Acesso em 6 de junho de 2014.

¹⁴ IMBROISI, Waldyr. A dispersão da lírica em Chico Alvim: máscaras, narrativa e memória. Cadernos do IL, Porto Alegre, n.º 45, dezembro de 2012. p.8. Disponível em <http://seer.ufrgs.br/cadernosdoil/article/viewFile/35780/pdf_1> Acesso em 17 de abril de 2014.

monstruário de fomes enredadas,
 ávidas de agressão, dormindo em concha.
 Um toque, e eis que a blandícia erra em tormento,
 e cada abraço tece além do braço
 a teia de problemas que existir
 na pele do existente vai gravando.

Viver-não, viver-sem, como viver
 sem conviver, na praça de convites?
 Onde avanço, me dou, e o que é sugado
 ao mim de mim, em ecos se desmembra;
 nem resta mais que indício,
 pelos ares lavados,
 do que era amor e, dor agora, é vício.

O corpo em si, mistério: o nu, cortina
 de outro corpo, jamais apreendido,
 assim como a palavra esconde outra
 voz, prima e vera, ausente de sentido.
 Amor é compromisso
 com algo mais terrível do que amor?
 -pergunta o amante curvo à noite cega,
 e nada lhe responde ante a magia:
 arder a salamandra em chama fria. (*apud* MARTINEZ, 2008, p. 29.)

De acordo com Martinez (2008), no poema acima Drummond retoma sua constituição mineral, uma vez que compara o relacionamento amoroso com a atividade mineradora que consiste em extrair da pedra o minério valioso, o ferro. Amar é, então, o processo de descobrir o que há de valioso dentro do ser amado. Acrescenta ainda que a descoberta do outro se apresenta metaforicamente através da escolha de termos que remetem à escavação, como “lavra” e mesmo “mineração”, um trabalho desgastante e difícil.

Contextualizando o poema dentro dessa óptica, Roberto Schwarz (2002), chama atenção para o fato de que alguns leitores vão tratar esse “outro” como o “outro” de que fala a filosofia “ligado, à condição humana geral”¹⁵. O “outro”, para o Francisco Alvim, é um personagem social. É importante ressaltar que não se trata de uma alteridade que flutua no vácuo. O “outro” é determinado e tem endereço político e social definido.

Ao considerar o dado de universalidade, como componente importante para a poesia de Alvim, deve-se compreender que isso acontece, basicamente, mediato pela experiência brasileira.

¹⁵ SCHWARZ, Roberto. O país do Elefante. Folha de São Paulo. 10 de março de 2002. Disponível em:
 <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs1003200204.htm>> Acesso em 6 de junho de 2014.

A experiência brasileira é fundamental. Nesse contexto, esse “outro” é um “outro” em relação àquele que escreve. É, obviamente, o subalterno “*COMERCIANTE, MANICURA, DECORADOR*”¹⁶. Esse “outro” se encontra disperso nas camadas dominantes e subalternas da nossa sociedade. Em vista disso, ele pode ser tanto o que manda quanto o que é mandado; tanto o que explora quanto o que explorado. É fundamental salientar que esse “outro” não é só a voz dos de baixo. O poeta se coloca em relação a essa alteridade e jamais se opõe a ela. Nesse processo de aproximação, a intenção do poeta não é representar o sofrimento alheio por compaixão, ao contrário disso, essa aproximação é cravejada de ambiguidade. Não existe, nessa poesia, um sentimentalismo barato, como acontece em algumas literaturas com relação ao explorado.

Tudo isso, de fato, faz parte do projeto modernista que, em linhas gerais, no centro, irradiou na busca pela pesquisa da peculiaridade brasileira. Essa busca torna-se evidente com Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade, e em *Macunaíma* com Mário de Andrade. Esse processo de busca escambo para uma literatura em relação ao “outro” de classe mais ou menos populista que valorizava a todo custo a cultura popular desproblematizada, isto é, retirada das contradições próprias da modernização periférica. Essa peculiaridade tendeu, às vezes, ao exotismo e a uma chave de interpretação consequente. Isso ocorre nos poemas de João Cabral de Melo Neto e Carlos Drummond de Andrade. É possível notar esse aspecto de forma menos explícito em Murilo Mendes e Jorge de Lima. Em alguns romances de Jorge Amado há uma relação de ordem mais populista na busca da peculiaridade brasileira. Já nos trabalhos de Graciliano Ramos a relação é de ordem mais problematizadora, dilemática, catastrófica.

Essa busca pela peculiaridade brasileira, e no caso da poesia modernista, esteve vinculada a questão da fala, da dicção. Um dos fortes problemas do modernismo era a dificuldade em formular uma língua literária brasileira. E isso não resultava em imitar a língua do povo como afirmam alguns autores.

Em resumo esse gesto de apropriação do poema, como elemento dessa forma, ligado ao conceito de um “outro” não abstrato, juntamente com a pesquisa modernista ancestralmente

¹⁶ SCHWARZ, Roberto. O país do Elefante. Folha de São Paulo. 10 de março de 2002. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs1003200204.htm>> Acesso em 6 de junho de 2014

recuperada na história da configuração do sistema literário nacional, vinculada a expressão da fala brasileira inicia o texto de Schwarz com relação à análise da poesia de Francisco Alvim. O poeta mineiro se apropria de algo que é concretamente brasileiro, sobretudo, a partir da observação da fala “Quer ver // Escuta” (ALVIM, 2000, p.76.).

Essas peculiaridades da forma revelam a consistência desses poemas que, sozinhos, em si e isolados não funcionam, mas precisam do leitor para perceber a inflexão crítica segundo a qual essa poesia se estabelece.

Mediante os fatos expostos, é possível constatar a relação da poesia de Alvim com a observação crítica da realidade brasileira. No entanto, isso não faz dele um poeta maior. Sua proposta de ler o Brasil e torná-lo forma objetiva da poesia é a questão que deve ser colocada para o crítico. É importante lembrar que existe uma relação com a realidade de tal maneira que o poeta observa certas constâncias que são formas objetivas e que existe independente da consciência do poeta, como, por exemplo, a nossa organização social cumpre o papel de objeto nas relações sociais, mas ao mesmo tempo em que se encontra nesse estado, ela em si é abstrata. Por isso, se faz necessário racionalizá-la no discurso científico, mais precisamente, em um dito popular. Nas palavras de Antônio Cândido “Para Português, Negro e Burro, três pés: pão para comer, pano para vestir, pau para trabalhar”.¹⁷. Assim, uma lógica que está disponível na sociedade se torna forma.

Dentro desta lógica, Roberto Schwarz (2002), sublinha “a cor local” que tem essa poesia. Tem-se, então, o jogo evidentemente relacionado a cor local e inflexão cosmopolita. A cor local está sempre junto com coisas de corte universalista. Numa das formas de se relacionar tanto o “eu” que organiza com os seus “outros”. Ao relacionar a cor local com o universal nota-se que um dos elementos mediadores desta forma é o humor. Para isso é necessário compreender o lugar desse humor nesta poesia.

Na literatura em geral o humor é entendido como um efeito das técnicas. O cronista Fernando Veríssimo, famoso pelos textos de humor, sempre gostou muito do gênero do humor e a opção de escrever desta forma se deu naturalmente, pelo fato de ter lido muito os humoristas americanos e

¹⁷ *Apud* RAMASSOTE. Rodrigo Martins. A sociologia clandestina de Antonio Candido. 2006. p. 225. Disponível em : < <http://www.scielo.br/pdf/ts/v20n1/a11v20n1.pdf>> Acesso em 16 de junho de 2014.

ingleses, o que terminou por fazê-lo criar um estilo brasileiro. “Quando eu comecei a escrever no jornal, com mais de 30 anos, eu já sabia como fazia, de tanto ler o humor. Não sou um humorista, mas tenho a técnica”¹⁸. Portanto, vale ressaltar a intenção do cronista em deixar claro que isso é uma técnica de criação de efeito humorístico. Diante disso, uma questão a ser levantada a cerca da poesia de Alvim é se o humor age como um mecanismo de defesa; Se o humor é um efeito da poesia; Ou se o humor é algo captado da realidade.

O humor em Alvim é não se trata de algo puramente técnico e nem de um efeito para fazer o leitor rir, como era feito por Oswald de Andrade nos poemas piada. “Embora tributário do humor oswaldiano, o riso de Alvim é de outra monta; está a serviço da captação aguda das contradições sociais.”¹⁹. Portanto, o humor se insere na ordem da composição dessa forma, não como técnica e nem como desejo de efeito no leitor, mas, acima de tudo como recuperação do que está disponível no real. Dessa forma, o humor que está no texto de Alvim é o humor externo, o humor das ruas. O humor não é um efeito do texto. Ele é o recorte que o texto fez que está disponível na sociedade. Trata-se de um humor “à brasileira”²⁰ muitas vezes cruel e ao mesmo tempo salvador.

O humor, então, é extraído do cotidiano, porém quando recortado ele ultrapassa esse limite e funciona como lente de aumento. Esse mesmo fenômeno acontece no próprio título do texto de Schwarz *País do Elefante* que ao ser republicado com alguns acréscimos no livro *Martinha versus Lucrecia* muda de título e vira *Um minimalismo enorme*. É o mínimo amplia não só a graça, mas também o terror da graça. O riso surge não só de desespero, mas da graça também. Assim, afirma Roberto Schwarz²¹, “O seu lugar é o cotidiano, cuja peculiaridade nacional e complexidade nos interrogam vivamente”.

O universal se relaciona, aqui, com a questão da nação. Alguns autores consequentes discutem a nacionalidade brasileira acentuando a discrepância entre norma universal e norma

¹⁸ VERÍSSIMO. Luís Fernando. 3º festival literário em Poços de Caldas. Jornal da Mantiqueira, 5 maio, 2009. Entrevista concedida a Jéssica Balbino. Disponível em < <http://www.lavras24horas.com.br/portal/luis-fernando-verissimo-comenta-sobre-genero-literario-em-pocos-de-caldas/> > Acesso em: 12 de junho de 2012

¹⁹ PILATI, Alexandre. Riso e Violência. Outras Palavras. Comunicação compartilhada e Pós-capitalismo. 16 de dezembro de 2011. Disponível em: < <http://outraspalavras.net/posts/riso-e-violencia/> > Acesso em 16 de junho 2014.

²⁰ *idem*. Riso e Violência. Outras Palavras. Comunicação compartilhada e Pós-capitalismo. 16 de dezembro de 2011. Disponível em: < <http://outraspalavras.net/posts/riso-e-violencia/> > Acesso em 16 de junho 2014.

²¹ SCHWARZ, Roberto. O país do Elefante. Folha de São Paulo. 10 de março de 2002. Disponível em: < <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs1003200204.htm> > Acesso em 6 de junho de 2014.

brasileira. Acentuar essa discrepância é o depoimento periférico sobre a universalidade das questões. É estar em discrepância com a norma. Essa disparidade é uma forma de participar da universalidade, ainda que seja pelo negativo. É essa a lógica dialética que o Schwarz apresenta magistralmente no texto *Nacional por Subtração*. É o Nacional pelo menos e não pela afirmação. A leitura da nação é mais uma leitura de discrepância, em negativo, do que uma leitura de afirmação.

De acordo com Schwarz (2002) essa discrepância é basicamente a forma como as relações sociais brasileiras “entre informalidade e norma” assumem na sua forma objetiva, ou seja, na maneira como acontece fora do texto, fora da consciência do autor. Assim, sujeito brasileiro lida com as questões entre abstração e objetificação; entre público e privado de um a maneira peculiar. Essa peculiaridade é nossa marca nacional, “na visão de alguns conservadores funciona como um defeito de fábrica ou como um presente dos deuses”.²²

O poeta observa isso nas falas, já que elas são representações da relação entre os sujeitos que se dão de maneira dispersa e objetiva na realidade. A fala é comunicação, negociação, mecanismo de representação e cumpre o papel de ligar sujeitos. Portanto, as falas são, em ato, as próprias relações sociais. Por isso, é possível recolher neste ato o sumo objetivo dessa relação. O sumo objetivo significa às relações de poder. E no caso de Alvim as falas são interconexões entre classes. Isso é a forma.

Pensando a fala nessa relação entre informalidade e norma que é vivida heterodoxamente pelo Brasileiro é possível perceber que essa vivência heterodoxa é captada no poema com a faceta da ambiguidade. Dessa forma, quem completa a poesia é o leitor. Considerando que o poema é construído em termos de polos há nele diferentes possibilidades, até mesmo pelo seu minimalismo, de alusão, referência e conclusão. A elipse é um dado forte dessa forma que, por sua vez tem potencial político, e é daí que vem a sua eficácia estética. Essa elipse extrema, nesse sentido político, é uma espécie de posicionamento diante da realidade, das falas, da poesia, da tradição poética.

²² *idem*. O país do Elefante. Folha de São Paulo. 10 de março de 2002. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs1003200204.htm>> Acesso em 6 de junho de 2014.

A respeito do complemento dessa forma Pilati (2011), avalia que a noção de cotidiano está vinculado, nesses recortes, as situações-limite. Ao comparar as duas últimas publicações de Francisco Alvim, dentro dessa perspectiva, ele observa que no livro *O Metro Nenhum* em relação ao livro *Elefante*, as situações-limite são mais evidente devido à disposição do livro em criar cenas. Pilati afirma também que essas falas, talvez com mais insistência, no *O Metro Nenhum*, não são apenas recortadas do cotidiano puro e simples como se isso fosse uma abstração. Com relação ao riso assegura que nos poemas de *O metro nenhum* o riso se dirige à percepção trágica da dinâmica social e não ao cinismo diante do sofrimento. “É exemplar dessa atenção do poeta às situações-limite o poema “Muito ótimo” ”.²³

Muito ótimo

veio o homem
falou pra mim
pra mim
deitar no chão
dormir
dormir
que amanhã vou ser atendida
na
meia-noite
(Alvim, 2011.p.16)

O leitor é quem completa a cena narrativa do poema que, muito provavelmente, se trata de alguém no corredor de hospital, numa situação grave, mais especificamente, numa situação limite a qual precisa reagir, no entanto com conformação. Tem-se, portanto, uma situação limite em que o limite não é tencionado. E por não ser tencionado é comum, corriqueiro, cotidiano. Noutros versos, o tempo, a vida e a poesia são protagonistas dessa situação. Assim, diz o poeta: “você chegou/ está aí?/ quase/ não me encontrava/viva” (ALVIM, 2011, p.18).

Essa compreensão de situações-limite, completando o raciocínio do Schwarz (2002), é apreendida, basicamente, pelas situações circundantes, pelos poemas que circundam o poema que está sendo lido. Isso reinter, mais uma vez, a grande importância de ler os livros como um todo. Esse conjunto de poema que circundam no outro procura fazer funcionar esse quadro.

Tableau Mouvant

²³ PILATI, Alexandre. Riso e Violência. Outras Palavras. Comunicação compartilhada e Pós-capitalismo. 16 de dezembro de 2011. Disponível em:< <http://outraspalavras.net/posts/riso-e-violencia/>> Acesso em 16 de junho 2014.

Na casa ao lado o cachorrão está tentando enrabar o bassê
 este para se defender configurou uma coreografia compli-
 cadíssima por entre as hercúleas patas do sedutor, circular e torvelinhal
 (Alvim, 2011,p.30)

O poema acima, escrito em prosa, é mais uma representação de situações-limite. Tem-se aqui um jogo de opostos e uma cena de opressão. Para Schwarz (2002), esta ligação entre opostos é o que movimenta essa forma. Apesar de ser um objeto, trata-se de um quadro em movimento. Desse modo, as peças do livro de Alvim funcionam quando encaminhadas por um movimento. Os livros representam o quadro da sociedade brasileira tentando captar o seu movimento. A tarefa do poeta consiste em aterrorizar o leitor não com o que está no poema, mas sim com o que está na sociedade, onde cada indivíduo se reconhece protagonista dessa fala ainda que nunca tenha dito absolutamente nada. Para que o poeta alcance esse objetivo, Schwarz acredita que a ligação entre os opostos não é feita de maneira estereotipada. A crítica, aqui, está em juntar e movimentar os opostos, jamais em posição estereotipada. Isso faz com que o leitor se movimente entre a adesão ideológica aos de cima e a adesão ideológica aos anseios dos de baixo. Trata-se, portanto, de uma literatura sem opção ideológica. Essa, por sua vez registra o fato ambíguo da ideologia à brasileira. Não é poesia de defesa dos oprimidos e nem das minorias. É, na realidade, uma poesia que registra os ataques sofridos e feitos diariamente.

O “poeta dos outros” quer registrar o comportamento do leitor em relação à racionalidade do mundo burguês e generosidade não burguesa do mundo do favor. A respeito das falas que Francisco Alvim recolhe afirma Roberto Schwarz,

Anônimas e típicas, nem individualizadas nem universais, elas têm a polivalência do uso corrente, sempre em via de especificação, com encaixe estrutural em nosso processo coletivo, a cujas posições cardeais respondem alternadamente e cujo padrão de desigualdade veiculam.²⁴

A fala é anônima e típica. Não é nem individualizada e nem universal. Não é um registro que universaliza a voz de quem está falando de tal maneira que o tire do anonimato, do cotidiano, da tipicidade, pois essas falas têm a polivalência do uso corrente, embora polivalência não, quer

²⁴ SCHWARZ, Roberto. O país do Elefante. Folha de São Paulo. 10 de março de 2002. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs1003200204.htm>> Acesso em 6 jun.2014.

dizer, necessariamente, algo positivo. *A dialética da malandragem* de Antônio Cândido é um bom exemplo disso.

[...] a dialética da ordem e da desordem pode ser compreendida como um princípio de generalização da experiência brasileira, em outras palavras, como elemento explicativo, central e constitutivo, do que fomos e ainda somos, isto é: uma sociedade perversa, inacreditavelmente desigual e cronicamente subdesenvolvida, na qual tudo parece inadequado, contraditório, incompleto ou excêntrico, em que pesem a marcha do capitalismo liberal[...] (OLIVEIRA, 2010, p.2).

A ordem, às vezes, é desordem; a desordem, às vezes, é ordem. Desse modo, a voz, a fala ou aquele registro, jamais, ou, quase nunca, está especificado e quem completa esse “em via de” é o leitor. Esse caminho é marcado por um processo cheio de ambigüidades, de relações espúrias ente o público e o privado. É marcado também por problemas ligados ao preconceito de raça e de classe que envolve circunstâncias que vão desde a relação cotidiana até as políticas públicas. Por fazer poemas recapitulando ou registrando ditos de gravíssimo preconceito social no Brasil, o poeta é taxado como preconceituoso, racista, violento. “Olha// Um preto falando/ com toda clareza/ e simpatia humana (ALVIM, 2000, p.91); “Eu mamei no peito preto da mãe dele” (ALVIM, 2000, p.115).

Em suma, a proposta de Francisco Alvim é provocar um humor que é terrível e que, ao mesmo tempo, sustenta a relação entre classes no Brasil. Essa complexidade é feita, contraditoriamente, com muita simplicidade, com o exagero da fragmentação e da simplicidade, exatamente para interpelar o sujeito leitor como partícipe da poesia. Diante disso, a forma não é apenas um emprego de uma técnica. Ela é, na verdade, a formalização tensa de uma experiência muito concreta, complexa e coletiva. Ainda é aquela velha tradição do complexo, moderno, nacional e negativo iniciada por Machado de Assis. Essa é a tradição a que ele se liga. Essa complexidade está muito longe daquilo que foi a poesia marginal em seu tempo, embora usando mecanismos dela.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como foi visto nesse trabalho, por meio do diálogo com a tradição, o poeta formula sua poética rica de seu material: a realidade brasileira. A poesia de Chico Alvim fala da realidade que tende a totalidade, ou seja, os problemas sociais são enunciados. Para isso, em termos léxicos, as escolhas das palavras é fundamental. E isso não é um acaso. O poeta pretende mostrar esse “beco sem saída” do que é representar a realidade a partir da poesia ou do que é afinal de contas o real da poesia. Isso é fundamental para entender esse jogo de fundo narrativo. Esse tipo de poesia se dispõe a sair de seus próprios limites para interrogar algo fora, mas que retorna tornando esse algo externo uma interrogação dos próprios elementos que formam a literatura. Isso é de extrema importância para a compreensão dessa poesia no sentido de ter uma grande consistência comparada a outras obras poéticas.

A relação de continuidade que existe entre as publicações se constitui na medida em que o Alvim vai armando os poemas. Desse modo, eles vão encontrando nos livros, bem como o lugar deles e a correspondência de uns com os outros.

Através do diálogo entre a poética de Alvim e os estudos críticos de Roberto Schwarz vimos, aqui, que a ideia de “outro” está num recorte social em que não é apenas o máximo do explorado e não está mediado por abstrações da identidade cultural da pós-modernidade.

O Modernismo trouxe uma descoberta do país em suas peculiaridades. Nesse período a linguagem aproximava-se da fala popular. Francisco Alvim escolhe a fala como mecanismo básico da possibilidade de literarização do combate que se dá todo dia entre humilhado e humilhador. O poeta escuta e procura fazer que essas falas sejam ouvidas e os fatos apreendidos em sua complexa significação. É preciso, ver e ouvir os próprios movimentos internos da sociedade brasileira, marcados pela informalidade das relações sociais.

A presença do humor/riso na poesia de Francisco Alvim funciona como uma espécie de potência crítica da realidade. O papel do humor na *mimese* (na construção e na representação do mundo) não tem o intuito de fazer o leitor rir. A proposta aqui é confrontar o leitor com seu

próprio negativo, uma vez que somos capazes de rir da desgraça da alheia e rimos também de desespero.

Alvim ao fazer uma poesia para falar sobre o Brasil constrói algo que inquieta e punciona. Ele recolhe situações alheias de determinado contexto sem negar que está do outro lado da divisória. A questão é que lado da divisória o leitor vai ficar. Através da fala anônima e típica dos poemas que estão sempre em vias de se especificar, Alvim entrega ao leitor uma conexão com o nosso processo estrutural da poesia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO.Theodor W. **Palestra sobre lírica e sociedade** (1957), in Notas de literatura I, trad.Jorge de Almeida, São Paulo: 34, 2003, pp. 65-89.

ALVIM. Francisco. **Entrelinhas - Francisco Alvim**. Entrevista cedida ao programa Radar Cultura, 2010. Disponível em < <http://www.youtube.com/watch?v=TUNAYBLcGhM> > Acesso em 8 de dezembro de 2013.

ALVIM. Francisco. **Elefante**.São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

_____. **O metro nenhum**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

_____. **Poemas** [1968-2000]. São Paulo: Cosac Naify; Rio de Janeiro: 7Letras, 2004.

BARBOSA, Josefa Rufino. **Camões e o Desconcerto do Mundo**. Guarabira-PB, 2012. Disponível em < <http://dspace.bc.uepb.edu.br:8080/.../PDF%20-%20Josefa%20Rufino%20Barbosa...>> Acesso em 8 de dezembro de 2013.

CAMENIETZKI, Eleonora Ziller. **Ao rés da fala: alguns comentários sobre a poesia de Chico Alvim e Ferreira Gullar**. Disponível em <http://www.ciencialit.letras.ufrj.br/terceiramargemonline/numero12/ii.html>> Acesso em 2 de dezembro de 2013

CARNEIRO, Vinícius Gonçalves. **A marginalização da literatura brasileira dos anos 70 e 80: Um olhar sobre a produção e a crítica através das cartas de Paulo Lemimnski e Caio Fernando Abreu**. 2012. Disponivel em: < http://www.pucrs.br/.../84111-VINICIUS_GONCALVES_CARNEIRO.pdf > Acesso em 6 de dezembro de 2013.

DRUMMOND DE ANDRADE, Carlos. **Nova reunião: 19 livros de poesia**. Rio de Janeiro: José Olympio; Brasília: INL, 1983.

FIGLIARESE, Fernando. **O corpo fora, de Francisco Alvim, como contracena da mitologia da mineiridade**. 2012. Disponível em < <http://>

<http://revistatextopoetico.com.br/index.php/rtp/article/view/116>.> Acesso em 1 de dezembro de 2013.

FRANCHETTI, Paulo. **O “poema –cocteil” e a Inteligência Fadigada**. O Estado de S.Paulo, 5/11/2000. Disponível em http://www.geminaliteratura.com.br/enc_pfranchetti_mar07.htm>. Acesse em 7 de abril de 2014.

IMBROISI, Waldyr. **A dispersão da lírica em Chico Alvim: máscaras, narrativa e memória**. Cadernos do IL, Porto Alegre, n.º 45, dezembro de 2012. Disponível em <http://seer.ufrgs.br/cadernosdoil/article/viewFile/35780/pdf_1> Acesso em 17 de abril de 2014.

MARTINEZ. Isabel Cristina Vega. **Drummond - essas coisas**. Rio de Janeiro. Setembro de 2008. Disponível em <<http://www.letras.ufrj.br/posverna/mestrado/MartinezICV.pdf>>> Acesso em 13 de junho de 2014.

MASSI, Augusto. **Estilo tardio exibe radicalidade de Francisco Alvim**. Folha de S.Paulo, 17 de setembro de 2011, Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq1709201115.htm>>. Acesso em 7 de abril de 2014.

MELLO, Heitor Ferraz. **O rito das calçadas (Aspectos da poesia de Francisco Alvim)**. Dissertação de mestrado apresentada em Literatura Brasileira à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Dezembro 2001. Disponível em:<www.overmundo.com.br/...banco/rito-das-calçadas-a-poesia-de-francisc...> Acesso em 11 de abril de 2014.

OLIVEIRA. Maurício Miranda dos S. **Dialética da Ordem e da Desordem: Três momentos do princípio de generalização da experiência brasileira**. Ano 8, Nº 11/2010 <Disponível em <http://www.uff.br/trabalhonecessario/images/TN11%20M.OLIVEIRA.pdf>> Acesso em 14 de junho de 2014..

PERREIRA, Rogério. **Francisco Alvim no Paiol Literário**. Jornal Rascunho. Folha de S.Paulo, 3 de setembro de 2012. Disponível em: <http://autoreselivros.wordpress.com/2012/11/03/francisco-alvim-no-paiol-literario/>.> Acesso em 27 de abril de 2014.

PILATI, Alexandre. **Literatura contemporânea /Aula “Chico Alvim – Elefante (2000) - Seminário 8”** em 29 de novembro de 2013.

PILATI, Alexandre. **Riso e Violência**. Outras Palavras. Comunicação compartilhada e Pós-capitalismo. 16 de dezembro de 2011. Disponível em: < <http://outraspalavras.net/posts/riso-e-violencia/>> Acesso em 16 de junho 2014.

PINTO, Manuel da Costa Pinto. **Literatura Brasileira Hoje**. São Paulo: Publifolha, 2004 (Folha Explica). Disponível em: < <http://www.literatura.bluehosting.com.br/literaturabrasileirahoje.pdf>> Acesso em 27 de abril de 2014.

RAMASSOTE, Rodrigo Martins. **A sociologia clandestina de Antonio Candido**. 2006. Disponível em : < <http://www.scielo.br/pdf/ts/v20n1/a11v20n1.pdf>> Acesso em 16 de junho de 2014.

SCHWARZ, Roberto. **O país do Elefante**. Folha de São Paulo. 10 de março de 2002. Disponível em: < <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs1003200204.htm>> Acesso em 6 de junho de 2014.

SOUZA, Adriano de. Dissertação de Mestrado. **Elefante de Francisco Alvim: “Qual o real da poesia?”** , 2012. Disponível em < http://cascavel.cpd.ufsm.br/tede/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=4212> Acesso em 2 de dezembro de 2013.

VECCHI, Roberto. ROJO, Sara. **Transliterando o real: diálogos sobre as representações culturais entre pesquisadores de Belo horizonte e Bologna**, Faculdade de Letras, POSLIT, 2004. Disponível em <<http://www.letras.ufmg.br/site/E-livros/Transliterando%20o%20Resl%20->

%20Dial%F3gos%20sobre%20as%20repres.%20culturais%20entre%20pesquisadores%20%20de%20BH%20e%20Bologna.pdf> Acesso em: 27 de abril de 2014.

VICTOR, Fábio. **Em novo Livro, Francisco Alvim se equilibra entre o lírico e o cotidiano.** Folha de S.Paulo, 17 de setembro de 2011. Disponível em:<
<http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/976259-em-novo-livro-francisco-alvim-se-equilibra-entre-o-lirico-e-o-cotidiano.shtml>> Acesso em 23 de abril de 2014.

VERÍSSIMO. Luís Fernando. **3º festival literário em Poços de Caldas.** Jornal da Mantiqueira, 5 maio, 2009. Entrevista concedida a Jéssica Balbino. Disponível em <
<http://www.lavras24horas.com.br/portal/luis-fernando-verissimo-comenta-sobre-genero-literario-em-pocos-de-caldas/>> Acesso em:12 de junho de 2012.